

# MÍDIA E APOIO POLÍTICO NO BRASIL<sup>1</sup>

Nuno Coimbra Mesquita

## INTRODUÇÃO

Com a democracia brasileira já tendo ultrapassado o marco de seus vinte anos – considerando sua nova constituição democrática e as primeiras eleições presidenciais diretas após o regime militar – o apoio ao regime passa por seu melhor momento. Em 1989, apenas 44% dos brasileiros acreditavam ser essa a melhor forma de governo. Em 2006, esse número cresceu para 71%<sup>2</sup>. O apoio político é fundamental para entender a qualidade do regime democrático. Depois de democracia espalhar-se para a maioria dos países do mundo, a atenção dos estudiosos tem se voltado mais para esse aspecto que para a análise das transições propriamente ditas<sup>3</sup>.

Perspectivas teóricas que lançam luzes sobre utilizam abordagens diversas, seja enfatizando valores políticos ou orientações normativas dos cidadãos<sup>4</sup>,

1. Este trabalho é parte de um projeto de pós-doutorado sobre mídia e apoio político no Brasil, desenvolvido junto ao Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP) e financiado pelo Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) (processo 08/57470-0). Uma primeira versão deste texto foi apresentada no 7º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), Recife-PE; de 4 a 7 ago. 2010. Agradeço a leitura cuidadosa e sugestões do prof. José Álvaro Moisés e Rogério Schlegel.
2. Moisés, 2008c.
3. Diamond & Morlino, 2004a.
4. G. Almond e S. Verba, *The civic Culture: Political Attitudes and Democracy in Five Nations*, 1965; Inglehart, 2002.

seja valorizando o desempenho real dos governos e suas instituições<sup>5</sup>. Sem desconsiderar essas hipóteses, destaca-se neste capítulo a importância de outra dimensão a ser analisada: o papel dos meios de comunicação de massa.

A mídia tem sido apontada tanto como a responsável por fomentar o cinismo e a desconfiança entre os cidadãos<sup>6</sup> quanto como importante vetor de fornecimento de informações capazes de promover o engajamento do cidadão em relação à democracia<sup>7</sup>. Seja qual for a perspectiva adotada perante a mídia, a informação acerca das instituições nos meios de comunicação é peça constitutiva do instrumental à disposição dos cidadãos para que tenham algum tipo de posicionamento, para além das experiências concretas que possam ter. O que se pode dizer, então, sobre o papel desempenhado pelos meios de comunicação para a qualidade da democracia? Mais especificamente, como o apoio público ao regime democrático é afetado pelas informações veiculadas pela mídia?

Defende-se neste texto a ideia de uma dupla multidimensionalidade do fenômeno. Por um lado, o apoio público à democracia compreende dimensões distintas. As pessoas podem mostrar-se deferentes ao regime democrático *per se*, e desconfiarem de suas instituições; podem aderir à comunidade política, e estarem, contudo, insatisfeitas com o funcionamento da democracia na maneira como ela se apresenta ou, ainda, avaliarem mal suas instituições. Por outro lado, essa multidimensionalidade também se aplica aos meios de comunicação. As informações veiculadas – bem como o alcance potencial junto ao público – não são as mesmas em um jornal de qualidade ou em um telejornal. Na televisão, existem programas de entretenimento com características diversas, cada qual com o potencial de se relacionar distintamente com o entendimento que o cidadão tem sobre os assuntos do Estado.

O objetivo deste capítulo é analisar as inter-relações entre essas diferentes dimensões, apontando o fato de que a mídia não pode ser vista de maneira unívoca. Dessa maneira, propõe-se que os meios de comunicação possuem papel plural para atitudes democráticas, a depender tanto da dimensão de apoio político quanto do meio que é objeto de investigação. Em vista disso, este trabalho concentra sua análise em duas variáveis da

5. Coleman, 2001; D. C. North, *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*, 1990.

6. T. Patterson, “Time and News: The Media’s Limitations as an Instrument of Democracy International”, em *Political Science Review*, 1998; J. Cappella e K. Jamieson, *Spiral of Cynicism: the Press and the Public Good*, 1977; D. Mervin, *The News Media and Democracy in the United States*, em: V. Randall, *Democratization and the Media*.

7. Norris, 2000a; K. Newton, “Mass Media Effects: Mobilization or Media Malaise?”, em *British Journal of Political Science*, 1999.

mídia: a audiência televisiva e o telenoticiário, além de dialogar com três dimensões importantes para a qualidade democrática. Verifica se essas duas variáveis da mídia estão associadas positivamente ou negativamente à *adesão democrática*, ao *vínculo dos cidadãos ao Estado Nação* e à *aceitação dos partidos políticos como elemento necessário da democracia*. Para isso, utiliza-se de dados do *survey* “A Desconfiança dos Cidadãos das Instituições Democráticas” (2006).

Este capítulo discute inicialmente os conceitos de qualidade democrática e de apoio político, tratando as diferentes abordagens sobre o papel dos meios de comunicação para a democracia. Inicia-se com a diferenciação entre a teoria dos efeitos negativos e a teoria da mobilização para, logo após, abordar hipóteses empiricamente verificáveis dessas perspectivas teóricas. Em seguida, apresentam-se as análises relativas ao papel da televisão – seguidas pelos dados referentes ao telejornal – para o apoio político. Finalmente, avaliam-se alguns fatores que podem interagir com as informações da mídia para a formação de atitudes políticas. As considerações finais buscam refletir sobre o papel desempenhado pelos meios de comunicação para a qualidade democrática.

## MÍDIA E APOIO PÚBLICO À DEMOCRACIA

Dentre as várias inter-relações que os meios de comunicação podem ter com processos políticos contemporâneos e que suscitam curiosidade acadêmica, está seu impacto sobre a qualidade da democracia. A investigação sobre a qualidade dos regimes foi impulsionada após a terceira onda de democratização, além de sinais de crescente insatisfação com o funcionamento concreto das democracias mais antigas. Dessa maneira, ocorreu um acentuado esforço acadêmico no intuito de investigar *como*, de fato, funcionam os regimes, superando os questionamentos de *por que* as transições ocorreram. Diamond e Morlino<sup>8</sup> definiram o império da lei, a competição, a participação, *accountabilities* vertical e horizontal e societal, a liberdade, a igualdade e a responsividade como dimensões cruciais para a qualidade da democracia. Esses autores sugerem que a qualidade do regime varia tanto quanto as dimensões mencionadas interagem e articulam-se entre si.

Destaca-se, neste ponto, a dimensão da responsividade. Como diz respeito à consonância entre as políticas adotadas pelos representantes eleitos

8. Diamond & Morlino, 2004a.

e os anseios dos cidadãos-eleitores, relaciona-se com o grau de satisfação com o desempenho do regime e a legitimidade que lhe atribuem os participantes da comunidade política. Sob essa perspectiva, portanto, é crucial ao entendimento da qualidade da democracia o estudo do apoio público ao regime. Essa questão compreende dimensões diferentes. A ideia original de Easton<sup>9</sup> acerca do apoio difuso – a atitude em relação ao sistema em sua totalidade – e específico – referente à satisfação dos cidadãos com o desempenho dos governos e de lideranças políticas – tem sido retomada e ampliada por alguns autores.

Para não confundir as diferentes dimensões institucionais que compreendem o apoio político, alguns estudiosos propuseram a análise de cinco níveis de atitude: o apoio à *comunidade política* (relacionado ao vínculo dos cidadãos ao Estado-nação e geralmente medido pelo sentimento de orgulho da nacionalidade); ao *regime democrático* (ligado à adesão dos cidadãos à democracia como um ideal, ligado a valores como liberdade, o império da lei, participação e tolerância); ao desempenho real do sistema democrático medido pela *satisfação com o regime*; às *instituições democráticas* (mensurado pela confiança depositada nas instituições públicas) e aos *atores políticos* (referente à avaliação de líderes e políticos)<sup>10</sup>.

O apoio político, levando em conta essas diferentes dimensões, tem variado em regimes consolidados. Enquanto o apoio à comunidade e aos princípios democráticos permaneceu alto, a confiança nos políticos e a avaliação do desempenho do sistema democrático têm caído em muitos regimes consolidadas e também nos mais jovens<sup>11</sup>. No Brasil, o apoio público ao regime apresenta um quadro paradoxal. Enquanto a adesão à democracia como ideal atinge dois terços dos cidadãos – tendo aumentado desde 1989, quando atingia cerca de metade –, a confiança nas instituições, a avaliação dos principais atores e a satisfação com o funcionamento do regime democrático possuem níveis inversos<sup>12</sup>, apesar de o governo e o Judiciário contarem com uma avaliação menos rigorosa. Em contrapartida, a adesão à comunidade política – medida pelo orgulho da nacionalidade – também ostenta índices altos.

9. Easton, 1965.

10. Norris, 1999b; J. A. Moisés e G. O. Carneiro, “Democracia, Desconfiança Política e Insatisfação com o Regime – o Caso do Brasil”, em J. A. Moisés, *Democracia e Confiança: por que os Cidadãos Desconfiam das Instituições Públicas?*, 2010.

11. Norris, 1999b; R. J. Dalton, “Political Support in Advanced Industrial Democracies”, em P. Norris, *Critical Citizens: Global Support for Democratic Governance*, 1999.

12. Moisés, 2007.

Tabela 1 Apoio Político no Brasil – 2006 (%)

Confiança Instituições Públicas		Nenhuma	Pouca	Alguma	Muita	ns/nr	
Governo		24,9	40,7	28,4	5,8	0,2	
Partidos Políticos		36,6	44	16,9	2,0	0,4	
Congresso Nacional		26,4	45,5	22,4	4,6	1,0	
Judiciário		13,6	41,7	33,1	10,9	0,7	
Avaliação das Instituições Públicas		Muito Ruim/ Péssima	Ruim	Regular	Boa	Ótima/ Muito boa	ns/nr
Governo		12,8	30,6	16,1	37,9	2,1	0,5
Partidos Políticos		22,8	43,3	13,5	18,4	0,6	0,4
Congresso Nacional		14,4	40,2	15,1	26,7	1,7	1,9
Judiciário		5,5	26,8	16,2	45,8	4,4	0
Satisfação c/ democracia		Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	ns/nr	
		28,9	48,1	17,9	2,7	2,3	
Adesão Democrática		Democracia sempre Melhor do que outra forma de Governo	Em certas circunstâncias, é melhor uma ditadura		Tanto faz democracia ou ditadura	ns/nr	
		64,8	13,5		16,9	4,8	
Adesão à Comunidade Política – Orgulho da nacionalidade		Nada Orgulhoso	Pouco Orgulhoso	Orgulhoso	Muito Orgulhoso	ns/nr	
		5,5	7,1	29,3	57,9	0,1	

ns/nr: não sabe, não respondeu

Fonte: projeto “A Desconfiança dos Cidadãos das Instituições Democráticas” (2006).

Apesar de certa unanimidade na literatura sobre a constatação do fenômeno da desconfiança em diversos países, são várias as interpretações lançadas sobre as causas do problema<sup>13</sup>. Enquanto estudos de cultura política, por exemplo, dão ênfase a aspectos como valores políticos ou orientações normativas de cidadãos<sup>14</sup>, teorias institucionalistas da democracia, por sua vez, desconsiderando esses fatores, acreditam mais no desempenho real dos governos e suas instituições como elementos que explicam fenômenos como confiança ou apoio ao regime<sup>15</sup>. A percepção do problema da corrupção, por exemplo, demonstrou ser fator relevante causador de desconfiança<sup>16</sup>.

Essas perspectivas não significam hipóteses necessariamente concorrentes. Tanto a cultura política como a avaliação das instituições podem afetar, de diferentes modos, a experiência dos indivíduos e influir sobre suas orientações

13. J. Nye, “Introduction: the Decline of Confidence in Government”, em J. Nye et all., *Why People don't Trust Government*, 1997; J. Dalton, *op. cit.*; R. Putnam e S. Pharr, *Disaffected Democracies: what's Troubling the Trilateral Countries?*, 2000

14. G. Almond e S. Verba, *op. cit.*; Inglehart, 2002.

15. Coleman, 2001; D. C. North, *op. cit.*

16. J. A. Moisés, *op. cit.*

políticas. Para o caso brasileiro, por exemplo, Moisés<sup>17</sup> sustenta que orientações valorativas e pragmáticas não representam perspectivas contrapostas para a explicação das atitudes e percepções intersubjetivas dos indivíduos no que diz respeito ao regime político. Ao contrário, as duas abordagens desempenham um papel na relação dos cidadãos com o regime democrático.

Para além dos fatores mencionados, defende-se a necessidade de uma nova dimensão de significado empírico e teórico. Dada a importância destacada dos meios de comunicação nas sociedades contemporâneas, no seu papel de informar os cidadãos acerca das questões públicas, a questão proposta neste texto é que tais meios exercem uma influência sobre a percepção pública das instituições e da democracia.

A partir da década de 1990, críticas à mídia tornaram-se comuns. Uma postura excessivamente crítica em relação à política e aos políticos por parte da mídia – com uma cobertura majoritariamente negativa do processo político – poderia levar a um desencantamento dos cidadãos para com seus líderes e instituições políticas, provocando atitudes de cinismo em relação à política e aos políticos<sup>18</sup>, bem como degradando processos de deliberação pública e enfraquecendo os partidos, em sua função de mecanismo eleitoral<sup>19</sup>. Um jornalismo com ênfase em escândalos políticos e notícias negativas fomentaria, da mesma maneira, o cinismo nos telespectadores, contribuindo para a queda de confiança no governo. A televisão, como meio, também seria culpada por outros males cívicos na sociedade contemporânea, como pelo desaparecimento do “capital social”<sup>20</sup>, que tem como variável central em seus estudos a confiança interpessoal, associada à confiança em instituições democráticas<sup>21</sup>. Dessa forma, a televisão teria o potencial de abalar, ainda que de forma indireta, a confiança que os cidadãos depositam nas instituições públicas.

Contudo, essa visão negativa acerca do papel dos meios de comunicação de massa para os processos democráticos não é unânime. Existe a perspectiva teórica de que uma combinação de níveis educacionais cada vez mais altos com

17. J. A. Moisés, “Cultura Política, Instituições e Democracia: Lições da experiência brasileira”, em J. A. Moisés, *Democracia e Confiança: por que os Cidadãos Desconfiam das Instituições Públicas?*, 2010.

18. T. Patterson, “The United States: News in a Free-Market Society”, em R. Gunther e A. Mughan, *Democracy and the Media, a Comparative Perspective*, 2000; J. Cappella e K. Jamieson, *op. cit.*

19. D. Mervin, “The News Media and Democracy in the United States”, em V. Randall, *Democratization and the Media*, 1998.

20. R. Putnam, “Tuning in, Tuning out: the Strange Disappearance of Social Capital in America”, em *PS – Political Science and Politics*, 1995

21. J. A. Moisés, “Paper” ..., *op. cit.*; Rennó, 2001.

o acesso cada vez maior a informações políticas tem ajudado a mobilizar os cidadãos, tanto em aumento do conhecimento quanto em termos comportamentais. Não é que a mídia possua apenas efeitos positivos: a audiência televisiva pode associar-se até mesmo a um menor conhecimento e entendimento sobre política. Não obstante, a leitura de jornais e o noticiário televisivo têm relação inversa, fomentando inclusive a confiança nas instituições e a satisfação com o funcionamento da democracia<sup>22</sup>. A mídia noticiosa representaria um “círculo virtuoso”, em que a atenção às notícias gradualmente reforça o engajamento cívico, assim como, inversamente, o engajamento cívico favorece o consumo de informação. A mídia jornalística não seria positiva somente para a confiança, mas também para o apoio a princípios democráticos<sup>23</sup>.

Ainda que essas duas perspectivas converjam para a preocupação em relação ao efeito nocivo do consumo generalista de televisão, não se pode afirmar que os *conteúdos* assistidos têm efeitos negativos. Como a programação televisiva é plural, cada mensagem tem significado diferenciado em termos de estímulos positivos ou negativos para a qualidade democrática. Estudos com o impacto de programações diversas têm demonstrado como os resultados não são unidirecionais. Variáveis como a confiança interpessoal e o engajamento cívico, por exemplo, podem ser favorecidas ou desfavorecidas pela audiência a depender do tipo de programação<sup>24</sup>.

No Brasil, existe uma lacuna no que diz respeito ao estudo das inter-relações entre a mídia e o apoio público à democracia. Existe maior interesse no papel dos meios de comunicação para os processos eleitorais<sup>25</sup>. Existe, também, um interesse em análises de conteúdo dos meios de comunicação. Nesses casos há um tratamento comum e unânime que aponta o caráter antipolítico da mídia no Brasil. A cobertura da mídia jornalística – especialmente do Poder Legislativo – é frequentemente descrita como negativa, focando temas como a corrupção, o nepotismo, o clientelismo e outras irregularidades. Ainda que necessário em uma democracia, esse jornalismo de investigação e seu caráter antipolítico teriam o potencial de disseminar a desconfiança e o rechaço à política, colocando sérios obstáculos à legítimi-

22. Newton, 1999b.

23. Norris, 2000a.

24. Shah, 1998; Uslaner, 1998.

25. J. Straubhaar, O. Olsen e A. M. C. Nunes, “The Brazilian Case”, em T. Skidmore (ed.), *Television, Politics, and the Transition to Democracy in Latin America*, 1993; Lins Da Silva, 1985; Porto, 1996 e 2007; L. P. Miguel, “Mídia e Eleições: A Campanha de 1998 na Rede Globo”, em *Dados*, 1999.; L. P. Miguel, “Discursos Cruzados: Telenoticiários, HPEG e a Construção da Agenda Eleitoral”, em *Sociologias*, 2004.

dade do próprio regime democrático<sup>26</sup>. Existe, não obstante, a perspectiva de que esse tratamento negativo em relação aos políticos como indivíduos falha ao não reconhecer que parte dos problemas apontados também são fruto de um sistema político com necessidade de reformas. Assim, esse tipo de cobertura – ainda que negativo em relação aos políticos – teria um caráter deferente ao sistema político e suas principais instituições<sup>27</sup>.

Ainda que esses estudos possam sugerir hipóteses interessantes, parte-se, neste texto, do pressuposto de que a mídia não pode ser apenas estudada pela análise de conteúdo das mensagens emitidas, já que o público não as interpreta de maneira homogênea. Qualquer um – tendo elementos de representação do real, como a cultura popular e organizações comunitárias, por exemplo – é capaz de absorver criticamente aquilo que consome pela televisão<sup>28</sup>. A relevância do papel da televisão e de outros meios de comunicação como fontes de informação se dá em um contexto maior, no qual igualmente pesam fontes interpessoais, como família e amigos, bem como organizações como a Igreja, sindicatos e associações de bairro<sup>29</sup>.

Dessa maneira, ainda que estabelecido o caráter antipolítico dos meios de comunicação no Brasil, não é certo que ele represente um obstáculo à democracia pela reprodução de casos de corrupção e irregularidades que pudessem levar a uma descrença em políticos e instituições. Primeiro, é preciso ir mais a fundo no próprio conteúdo da mídia. Existe certo consenso de que o retrato negativo que a mídia faz da política restringe-se à representação crítica de agentes públicos. Os meios de comunicação não são acusados de serem cínicos em relação ao sistema ou instituições políticas. O que existe é a suposição de que essa caracterização individual negativa representa, por extensão, também uma visão negativa das instituições<sup>30</sup>. No entanto, pode-se argumentar que a ênfase no conflito e a cobertura de informações negativas é uma função democrática da mídia, que também deve atuar como *watchdog*, responsabilizando governos e autoridades políticas por suas ações<sup>31</sup>. Longe

26. V. Chaia e F. A. Azevedo, “O Senado nos Editoriais Paulistas (2003-2004)”, em *Opinião*, 2008; Porto, 2000a; V. Chaia e M. A. Teixeira, “Democracia e Escândalos Políticos”, em *São Paulo em Perspectiva*, 2001.

27. Miguel & Coutinho, 2007.

28. Lins da Silva, 1985.

29. J. Straubhaar, O. Olsen e A. M. C. Nunes, *op. cit.*

30. Porto, 2000a; V. Chaia e F. A. Azevedo, *op. cit.*

31. Schmitt-Beck, R. e Voltmer, K., “The Mass Media in Third-Wave Democracies: Gravediggers or Seedsmen of Democratic Consolidation?” em R. Gunther, J. R. Montero e H.-J. Puhle (eds.), *Democracy, Intermediation, and Voting on Four Continents*, 2007.



de abalar a confiança nas instituições, por exemplo, seria a percepção de que a mídia vigia o poder, um dos garantidores do clima de geral de confiança.

Em contraposição ao que abordagens focadas em análises de conteúdo propõem, estudos baseados em *surveys* apontam mais para efeitos modestos e mais de orientação positiva em relação ao sistema político do que negativos. Meneguello<sup>32</sup> encontra relação modesta entre informações veiculadas pela mídia, sobretudo eletrônica, e avaliações críticas do funcionamento da democracia, bem como com a desconfiança institucional. Em contrapartida, a despeito de um período em que os noticiários foram repletos de notícias sobre casos de corrupção envolvendo políticos de diversos partidos políticos, a audiência do telejornal Jornal Nacional mostrou-se positivamente associada à confiança em diversas instituições públicas, bem como à satisfação com a democracia brasileira<sup>33</sup>. Ainda que não se afirme uma preferência por uma ou outra direção de causalidade, esses resultados desafiam a suposição de que uma mídia com viés antipolítico possa minar a confiança que os cidadãos depositam em suas instituições.

Diferentemente do que sugere parte da literatura no Brasil, portanto, os cidadãos parecem diferenciar desvios individuais de falhas no funcionamento de suas instituições. Ao dar-se publicidade a irregularidades e, ao mesmo tempo, aos órgãos encarregados de investigá-las, os cidadãos são confrontados com mecanismos de fiscalização e *accountability* presentes no sistema democrático. Dá-se ao público, então, condições de avaliar positivamente as instâncias democráticas. Ademais, há resultados que apontam que a mídia jornalística favorece várias formas de participação política<sup>34</sup>, além de fomentar a visão dos partidos como elementos essenciais à democracia<sup>35</sup>. Isso demonstra o papel positivo do jornalismo também para outras variáveis da qualidade do regime

Apesar de a mídia jornalística parecer desempenhar um papel positivo para a qualidade democrática, a programação de entretenimento desempe-

32. R. Meneguello, “Aspectos do Desempenho Democrático: Estudo sobre a Adesão à Democracia e Avaliação do Regime”, em J. A. Moisés (org.), *Democracia e Confiança: por que os cidadãos desconfiam das instituições públicas?*, 2010.

33. N. C. Mesquita, “Jornal Nacional, Democracia e Confiança nas instituições democráticas”, em J. A. Moisés (org.), *Democracia e Confiança: por que os cidadãos desconfiam das instituições públicas?*, 2010.

34. L. Rennó, “Estruturas de Oportunidade Política e Engajamento em Organizações da Sociedade Civil: um estudo comparado sobre a América Latina”, em *Revista de Sociologia e Política*, 2003.

35. R. Schlegel, “Informação e Desconfiança nas Instituições no Contexto Latino-Americano”, em Congresso da Alacip, 2006.

nha papel mais plural, a depender de suas características<sup>36</sup>. Como existem programações de caráter diverso, cada uma com conteúdos e implicações diferentes, seu estudo constitui um desafio. No Brasil, há a perspectiva de que a ficção, em especial as telenovelas, constroem uma representação extremamente negativa do campo da política. A alternativa de uma solução moral proveniente de fora do campo político, geralmente por meio de algum justiceiro, é frequentemente apresentada, dando margem a respostas e movimentos autoritários ou personalistas<sup>37</sup>.

Com o intuito de avançar na investigação do papel da mídia para o apoio político, propõe-se aqui a consideração de duas dimensões: o *apoio à comunidade política* e aos *princípios do regime*. Além dessas, inclui-se ainda a dimensão da *representação via partidos políticos*. A aceitação dos partidos como instituição necessária à democracia apresenta-se como aspecto essencial de uma cultura democrática. Dessa maneira, é relevante saber se a exposição à mídia é relevante para orientações dos cidadãos quanto ao sistema partidário. Importa saber se essa exposição é benéfica ou perniciosa para a criação de uma cultura política que favoreça e valorize o papel dos partidos para a representação dos cidadãos no sistema político. Essas três dimensões são as variáveis dependentes do estudo. As independentes são, além da audiência de televisão em geral, a variável de audiência do telenoticiário Jornal Nacional, da Rede Globo.

No Brasil, existe um entendimento, ainda que careça de maior evidência empírica, de que a televisão, ao apresentar um viés antipolítico, poderia restringir interpretações disponíveis para que as pessoas entendam conteúdos de cunho político<sup>38</sup>. O papel pernicioso desse meio em relação à democracia, de certo modo, também é consistente com os dados disponíveis sobre casos internacionais<sup>39</sup>. Dessa forma, se espera que, no Brasil<sup>40</sup>: “H1: Assistir televisão esteja *negativamente* associado à adesão à democracia e à comunidade política, bem como à valorização do papel de representação dos Partidos Políticos”.

36. Shah, 1998.

37. Porto, 2000b.

38. Porto, 2005.

39. Newton, 1999b; Norris, 2000a.

40. No *survey* de 2006, é possível testar a variável que representa o número total de horas a que os indivíduos costumam se expor à televisão. Entretanto, exceção feita ao telenoticiário em questão, não é possível saber que outros programas são assistidos. Dessa forma, é possível testar apenas a hipótese de que o número total de horas gasto em frente à tv seria de alguma forma pernicioso a interações sociais dos indivíduos, o que, por extensão, poderia também abalar negativamente variáveis de apoio político.

Entretanto, em contraposição às hipóteses da literatura nacional sobre o tema, que acreditam em um efeito nocivo também do jornalismo do país para a ligação dos brasileiros com a política, propõe-se uma hipótese alternativa. Em consonância com os dados de um papel positivo desempenhado pela audiência do telejornal para a *confiança* nas instituições, bem como a *satisfação com a democracia*<sup>41</sup>, propõe-se a seguinte hipótese: “H2: Assistir Jornal Nacional está associado à maior adesão democrática, maior apoio à comunidade política e à uma maior valorização do papel de representação dos Partidos Políticos”.

Apesar de utilizar-se, neste texto, por vezes, a linguagem da causalidade, está implícito que o que se afirma aqui é fruto de correlações, já que não se pode atribuir relações de causa e efeito utilizando-se de dados desse tipo.

## TV E APOIO POLÍTICO

Os dados relativos ao impacto da audiência televisiva mostram que as associações não são unidirecionais. A tabela 2 revela que o impacto desse item na explicação de cada uma das variáveis listadas. Sendo as variáveis ordinais, optou-se por realizar o procedimento de regressão categórica<sup>42</sup>. Com relação à adesão democrática, a televisão representa um papel negativo para a maioria das variáveis testadas, como esperado. Quem mais assiste à televisão, mais concorda com “o governo desrespeitar as leis em caso de dificuldades”, que “o presidente pode deixar de lado o congresso e os partidos em caso de dificuldades”, que “daria um cheque em branco a um líder salvador que resolvesse os problemas”, e que “só uma ditadura pode dar jeito no Brasil”. A única exceção ficou por conta da variável “prefere a democracia a um líder salvador”, em que a relação foi inversa. Quem mais assiste à televisão, mais concorda com a frase.

41. N. Mesquita, *op. cit.*

42. (*Optimal Scalling* no SPSS). A regressão categórica quantifica dados categóricos dando valores numéricos às categorias. Isso resulta em uma equação de regressão linear *optimal* para as variáveis transformadas. Todas as variáveis do estudo foram recodificadas para que um coeficiente (Beta) positivo representasse sempre maior apoio à democracia. Assim, para uma variável dependente como “prefere a democracia do que um líder salvador”, um Beta positivo representaria maior concordância com a frase. Para frases do tipo “País melhor com a volta dos militares” um coeficiente positivo representa maior discordância. Assim, todos os coeficientes positivos do estudo referem-se a maior impacto positivo sobre a dimensão em questão.

Tabela 2 Audiência tv e Apoio Político Coeficientes de regressão (beta) de Audiência de tv, controlados por variáveis socioeconômicas (sexo, idade, escolaridade, renda)

Adesão democrática						
	Discorda com Governo desrespeitar leis em dificuldades	Prefere democracia do que líder salvador	Discorda Presidente deixar de lado Congresso e Partidos no caso de dificuldades	Discorda País melhor com volta dos militares	Discorda Daria cheque em branco a líder salvador que resolvesse problemas	Discorda só uma ditadura pode dar jeito no Brasil
Audiência tv	-0,048***	0,054***	-0,086***	ns	-0,077***	-0,048***
R <sup>2</sup>	0,018	0,013	0,021		0,028	0,033
N	1753	1750	1754		1753	1710
Vínculo dos cidadãos com o Estado Nação						
	Orgulho de ser Brasileiro					
Audiência tv	0,064***					
R <sup>2</sup>	0,012					
N	1836					
Representação via Partidos Políticos						
	Democracia a ver com a existência de diversos partidos políticos	Discorda Brasil melhor se existisse apenas um partido político		Proximidade aos partidos políticos		
Audiência tv	-0,035*	-0,071***		0,048**		
R <sup>2</sup>	0,014	0,023		0,021		
N	1784	1704		1830		

Significância: \*p &lt; 0,10, \*\*p &lt; 0,05, \*\*\*&lt;0,01.

Fonte: pesquisa “A Desconfiança dos Cidadãos nas Instituições Democráticas”.

A televisão também se mostra como fator negativo para a valorização do papel de representação dos partidos políticos, com exceção para a proximidade em relação aos partidos políticos – quanto mais se assiste a televisão, mais próximo o cidadão se sente a eles. Entretanto, de maneira distinta, quem mais assiste à televisão, mais discorda das afirmações de que a “democracia tem a ver com a existência de diversos partidos políticos” e mais concorda que “o Brasil seria melhor se existisse apenas um partido político”.

Efetuoou-se, também, uma regressão logística com a variável em que o respondente tinha de afirmar com qual frase concordava mais: “a democracia é sempre melhor do que qualquer outra forma de governo”; “em certas circunstâncias é melhor uma ditadura do que uma democracia” ou “tanto faz se o governo é uma democracia ou uma ditadura”. A tabela 3 mostra um impacto negativo: quanto mais se assiste à televisão, menos se acredita que a democracia é melhor que qualquer outra forma de governo.

Tabela 3 Regressão Logística: Democracia melhor forma de governo

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Audiência TV	-.088	.035	6.428	1	.011	.916
Constant	-.654	.308	4.513	1	.034	.520

Democrata vs outros (autoritários e ambivalentes). Controlado por: sexo, idade, escolaridade, renda. Nagelkerke R Square: 0,033. Porcentagem de acerto do modelo: 62,9%. Fonte: projeto “A Desconfiança dos Cidadãos das Instituições Democráticas” (2006). N=1573.

Esses resultados confirmam a associação negativa entre o consumo total de televisão com vários aspectos da qualidade democrática<sup>43</sup>. Entretanto, como não há no *survey* “Desconfiança”<sup>44</sup> questões sobre os conteúdos assistidos, só é possível argumentar que o *quanto* se assiste de televisão parece ser prejudicial a percepções sobre a democracia e partidos. Quanto ao *quê* se assiste, ainda seria necessário maiores estudos para corroborar ou rejeitar teses sobre o que conteúdos específicos podem representar.

Os dados da tabela 2 também apontam outro resultado, por sua vez menos esperado. A dimensão de apoio à comunidade política, medido pelo orgulho da nacionalidade, é favorecido pela audiência televisiva, e não o contrário, como previa a hipótese. Os resultados indicam o papel plural que um mesmo meio pode ter para diferentes aspectos da qualidade democrática. Ainda que se possa imputar à televisão um papel pernicioso para a vivência democrática, concorrendo com o tempo necessário para interações sociais, o que fortaleceria o engajamento cívico e a confiança interpessoal<sup>45</sup>, não se pode dizer o mesmo sobre seu significado para a ligação dos cidadãos com a comunidade política.

## O JORNAL NACIONAL E APOIO POLÍTICO

A segunda série de resultados diz respeito ao papel que representa o telenoticiário Jornal Nacional, da Rede Globo, para as dimensões de apoio político. Quem assiste ao Jornal Nacional está exposto também a várias outras mensagens políticas da televisão. Parece razoável supor que haja uma diferença entre quem assiste ao telejornal três vezes por semana, ao mesmo tempo em que vê apenas uma hora de televisão por dia e outra pessoa que

43. Putnam, 1995; Newton, 1999b, Shah, 1998.

44. “Desconfiança”, 2006.

45. Putnam, 1995; Shah, 1998.

assista à mesma quantidade de edições do Jornal Nacional, mas, ao mesmo tempo, tenha um consumo televisivo de quatro horas diárias. Assim, utilizou-se uma taxa de audiência do Jornal Nacional, que corresponde à proporção de consumo do noticiário em relação ao total de horas dedicadas à televisão, criada por meio de uma divisão entre a audiência de telejornal e a audiência da televisão.

A ideia aqui não é apenas uma possível “diluição” de informação para se atingir dados mais “puros”. Espera-se que um telespectador que praticamente restrinja seu consumo televisivo ao noticiário tenha uma relação mais atenta ao seu conteúdo, já que liga seu televisor com o intuito específico de saber as notícias do dia. Entretanto, um padrão de audiência distinto, em que o indivíduo deixa seu televisor ligado desde o período em que chega do trabalho até a hora de dormir, assistindo ao telejornal “entre as novelas”, pode indicar que esteja menos atento ao que nele se passa. Essa variável criada provou-se mais consistente do que a simples audiência do telejornal em estudo anterior<sup>46</sup>. Ao falar-se da audiência do Jornal Nacional, de agora em diante, neste texto, sempre se estará levando em conta, também, o consumo televisivo.

A tabela 4 aponta o impacto dessa taxa na explicação de cada uma das variáveis listadas. Os dados comprovam a hipótese inicial de um papel positivo do telejornal. Entretanto, ao contrário do que se verificou sobre o impacto dessa mesma variável independente sobre outras dimensões do apoio político, como a confiança institucional<sup>47</sup>, os resultados são bem mais modestos. Com relação à dimensão de adesão democrática, somente uma variável está associada à taxa do telejornal após o controle dos dados socioeconômicos. Quem mais assiste ao Jornal Nacional, mais discorda da afirmação de que “daria um cheque em branco a um líder salvador que resolvesse os problemas”. Todas as outras variáveis testadas não têm significância estatística. Para o vínculo dos cidadãos com o Estado Nação, a audiência do telejornal não é uma variável a ser considerada, já que ela não interfere no orgulho de ser brasileiro. A valorização dos partidos políticos como mecanismo de representação também tem pouco a ver com a audiência do telenoticiário. Ela somente influi – positivamente – na proximidade que se tem a eles. As outras variáveis testadas não alcançam significância estatística.

46. N. C. Mesquita, *op. cit.*

47. *Idem.*

Tabela 4 txjn e Apoio Político – Coeficientes de regressão (beta) de Taxa jn, controlados por variáveis socioeconômicas

Adesão democrática						
	Discorda com Governo desrespeitar leis em dificuldades	Prefere democracia do que líder salvador	Discorda Presidente deixar de lado Congresso e Partidos no caso de dificuldades	Discorda País melhor com volta dos militares	Discorda Daria cheque em branco a líder salvador que resolvesse problemas	Discorda que só uma ditadura pode dar jeito no Brasil
TXJN	ns	ns	ns	Ns	0,069***	ns
R <sup>2</sup>						0,027
N						1753
Vínculo dos cidadãos com o Estado Nação						
	Orgulho de ser Brasileiro					
TXJN	Ns					
R <sup>2</sup>						
N						
Representação via Partidos Políticos						
	Democracia tem a ver com a existência de diversos partidos políticos	Discorda Brasil melhor se existisse apenas um partido político	Proximidade aos partidos políticos			
TXJN	ns	Ns	0,060**			
R <sup>2</sup>						0,022
N						1830

Significância: \*p < 0,10, \*\*p < 0,05, \*\*\*<0,01. N= número de casos. Controlado por: sexo, idade, escolaridade, renda.

Fonte: projeto “A Desconfiança dos Cidadãos das Instituições Democráticas” (2006).

É possível que esses resultados mais modestos em comparação com as dimensões de *confiança* e de *avaliação* institucional se deva ao fato de o telenoticiário abordar diretamente assuntos que remetam ao desempenho das instituições. Assim, faz mais sentido que as pessoas que mais se expõem a esse tipo de informação confiem mais e avaliem melhor as instituições do regime. Ao mesmo tempo, questões como a dos *princípios do regime* não têm relação direta com as mensagens do telenoticiário e por isso somente uma variável apareceu como significativa. Na dimensão relativa à valorização do papel dos partidos, essa mesma hipótese pode ser sustentada. As variáveis em que se questiona aspectos normativos – como a importância dos partidos políticos para a democracia – não estão correlacionadas com a audiência do Jornal Nacional. Entretanto, o telejornal apareceu como relevante na proximidade que se tem a eles, demonstrando sua importância quando se trata de uma orientação mais pragmática.

## ASPECTOS MODERADORES DA MÍDIA

Levar a mídia em conta como fator relevante para as atitudes políticas dos cidadãos não significa, necessariamente, dar primazia a essa explicação. Tampouco se desconsidera elementos explicativos que possam agir paralelamente a essa forma de opinião mediada. Para além de uma tese “concorrente”, em que diversos outros fatores podem influir – de maneira independente – sobre orientações políticas, acredita-se em um processo interativo entre diferentes elementos.

Processos interativos correspondem a um padrão de influência recíproca, sendo o conceito de interação próximo ao de comunicação. Trata-se de uma abordagem concorrente ao modelo de transmissão unidirecional dos efeitos da comunicação. Essa perspectiva encontra maior eco em estudos culturais, que enfatizam a forma como os indivíduos interagem, interpretam e se apropriam de símbolos e ideias presentes na cultura popular, ao invés de serem apenas influenciados por ela<sup>48</sup>.

Partindo-se dessa autonomia dos indivíduos diante das mensagens às quais estão expostos, cabe também analisar que fatores podem provocar interação com essas informações. Sem a intenção de abarcar todas as possíveis (e inesgotáveis) variáveis que podem influenciar a maneira por meio da qual as pessoas percebem mensagens da mídia, buscou-se aqui avançar com cinco desses elementos.

Um fator a ser levado em consideração na mediação entre mensagens provenientes da mídia e atitudes políticas é a *sofisticação política*, que remete a questões como *educação*, bem como ao *interesse por política* e a *eficácia política*. Pessoas com maior educação formal tendem a interessar-se mais por política, além de se exporem com maior probabilidade a mensagens que remetem a assuntos públicos e, dessa forma, interpretarem conteúdos de maneira mais crítica<sup>49</sup>. A variância do interesse por política que cada cidadão tem, por sua vez, pode influenciar na relação que ele estabelece com o conteúdo político ao qual está exposto pela mídia. A televisão é considerada como meio que potencialmente pode influenciar mais as pessoas que se interessam menos por política, criando um efeito de “encapsulamento”. Isso se deve ao fato de essa mídia ser menos seletiva em termos de audiência. Não obstante, a cobertura política chega mais facilmente aos mais interessados<sup>50</sup>. A eficácia política remete ao lado afetivo do envolvimento com a política, medida pela

48. W. R. Neuman, “Interaction”. em *International Encyclopedia of Communication*, 2007

49. W. R. Neuman, *The Paradox of Mass Politics*. 1986.

50. K. Schoenbach & E. Lauf, “Another Look at the Trap Effect of Television – and Beyond”, em *International Journal of Public Opinion Research*, 2004.



percepção se a política é ou não vista como algo incompreensível, sendo o seu oposto a apatia política<sup>51</sup>. É possível que essas três dimensões da sofisticação política não tenham relação direta com o apoio político em si, mas podem revelar-se importantes variáveis moderadoras<sup>52</sup>.

Outros dois elementos que têm potencial influência na maneira de os indivíduos absorverem as mensagens da mídia é o *apoio ao governo da vez* e a *confiança que se deposita na mídia*. Existem evidências de que o apoio ao sistema é influenciado pelo fato de as pessoas se encontrarem entre os vencedores ou os perdedores de disputas eleitorais<sup>53</sup>. Assim, indivíduos que se encontram entre os partidários do governo da vez tendem a dar mais apoio ao sistema, rejeitando mensagens negativas ou reforçando mensagens positivas sobre a política. A confiança que se têm na própria televisão deve ser um elemento a ser considerado, já que quando as pessoas não confiam na mídia, tendem a rejeitar o clima mediado de opinião<sup>54</sup>.

Esses cinco elementos foram incorporados na análise estatística com um procedimento denotado como interação<sup>55</sup>. Para realizar esse procedimento, primeiro efetuou-se uma regressão categórica com uma variável de resposta<sup>56</sup> e as variáveis explicativas<sup>57</sup> (sem interações), quando ocorre a quantificação

51. W. R. Neuman, *The Paradox...*, *op. cit.*

52. Neuman (cf. W. R. Neuman, *The paradox...*, *op. cit.*) demonstra como a sofisticação política não está ligada diretamente a posições mais autoritárias ou moderadas, variando de acordo com as diferentes dimensões em questão. Para o autor, no entanto, a sofisticação política é um importante fator moderador que aumenta a probabilidade de uma variável (de estímulo de mobilização) sobre outra (de comportamento político).

53. Norris, 1999.

54. Tsftati, 2003.

55. Em modelos de regressão com interações, queremos verificar se a mudança simultânea entre duas ou mais variáveis, mantidas as demais constantes, provoca impacto na variável dependente. Os efeitos de interação também são conhecidos como efeitos moderadores porque a terceira variável de interação, que modifica a relação entre as duas variáveis originais, modera a relação original. A associação entre renda e conservadorismo, por exemplo, pode ser moderada dependendo do nível de educação. O coeficiente utilizado foi o beta, que é referente as variáveis padronizadas (média 0 e desvio padrão 1), o que permite comparação entre quaisquer valores de betas: “Adiciona-se variáveis de interação ao modelo como produtos das independentes padronizadas e/ou independentes *dummy*, normalmente colocando-as após as variáveis independentes simples de ‘efeitos principais’ (...). ‘padronizada’ significa que para cada dado, a média é subtraída e o resultado dividido pelo desvio padrão. O resultado é que todas as variáveis tem uma média 0 e um desvio padrão 1. Isso permite a comparação de variáveis de diferentes magnitudes e dispersões.” (D. Garson, Multiple Regression from Statnotes: Topics in Multivariate Analysis).

56. Variáveis de adesão à democracia, aos partidos políticos e à comunidade política.

57. Além das variáveis independentes originais (*audiência tv e txjn*), inseriu-se as moderadoras de *interesse por política, escolaridade* (medida pela grau de instrução formal), *eficácia política* (medida pela discordância com a frase “as vezes a política e o governo parecem tão

das variáveis. Depois, criou-se as variáveis de interação. Por último, fez-se uma regressão múltipla (usual) com as variáveis transformadas. Os modelos com variáveis de interação para a audiência televisiva apresentam resultados significativos, como demonstram as tabelas 5 e 6.

Os componentes da sofisticação política, como aponta a literatura<sup>58</sup>, não têm relações unidirecionais com as dimensões do apoio político. De maneira geral, o *interesse por política* e a *escolaridade* aparecem associados de maneira positiva a variáveis das dimensões de adesão democrática e da valorização do papel dos partidos políticos.

Tabela 5 Audiência TV e Apoio Político (interações)

Coeficientes de regressão (beta) da audiência tv com variáveis moderadoras				
	Adesão Democrática			
	Discorda com Governo desrespeitar leis em dificuldades	Discorda Presidente deixar de lado Congresso e Partidos no caso de dificuldades	Discorda Daria cheque em branco a líder salvador que resolvesse problemas	Discorda que só uma ditadura pode dar jeito no Brasil
Audiência TV	- 0,043*	- 0,079***	- 0,061**	- 0,044*
Sexo	ns	ns	ns	Ns
Idade	0,111***	ns	ns	Ns
Renda	ns	ns	0,066***	- 0,045*
Escolaridade	0,095***	0,097***	0,122***	0,182***
Interesse política	0,086***	0,068***	0,062***	Ns
Adesão gov. Lula	- 0,097***	- 0,07***	ns	0,059**
Confiança mídia	- 0,076***	- 0,041*	ns	Ns
Eficácia política	ns	0,04*	- 0,109***	- 0,049**
Audiência tv vs. escolaridade	ns	ns	ns	0,042*
Audiência tv vs. interesse política	0,056**	ns	ns	0,049**
Audiência tv vs. adesão gov. Lula	- 0,037*	- 0,035*	ns	Ns
Audiência tv vs. confiança mídia	ns	ns	ns	- 0,054**
Audiência tv vs. eficácia política	ns	ns	ns	- 0,063***
R <sup>2</sup>	0,041	0,032	0,039	0,046
N	1714	1717	1716	1675

complicados que uma pessoa como você não pode realmente entender o que está acontecendo” – onde um beta positivo corresponde a maior eficácia política, e um negativo a maior apatia), *apoio ao governo da vez* (medida pelo apoio ao governo Lula) e a *confiança na mídia* (medida pela confiança depositada na tv). Manteve-se as variáveis sexo e renda como controle. Variáveis de interação foram incluídas em todos os modelos em que pelo menos a variável de audiência era significativa. Em alguns casos, portanto, ainda que uma dessas variáveis independentes possam não ter impacto isoladamente, é possível que se apresentem como moderadoras entre audiência e atitudes políticas.

58. W. R. Neuman, *The Paradox...*, *op. cit.*.

Representação via partidos e adesão à comunidade política

	Democracia a ver com existência de diversos partidos políticos	Discorda Brasil melhor se existisse apenas um partido político	Proximidade aos partidos políticos <sup>59</sup>	Orgulho de ser Brasileiro
Audiência TV	- 0,043*	- 0,058**	0,051**	0,05**
Sexo	- 0,054**	ns	- 0,098***	0,041*
Idade	ns	ns	0,049**	0,066***
Renda	0,049*	- 0,061**	0,05**	0,06**
Escolaridade	0,052**	0,109***	ns	0,06**
Interesse política	0,075***	0,085***	—	Ns
Adesão gov. Lula	ns	0,05**	0,169***	0,112***
Confiança mídia	ns	0,06**	0,108***	0,065***
Eficácia política	- 0,053**	0,067**	0,101***	0,046*
Audiência tv vs. escolaridade	ns	ns	-0,053**	Ns
Audiência tv vs. interesse política	ns	ns	—	Ns
Audiência tv vs. adesão gov. Lula	ns	ns	ns	Ns
Audiência tv vs. confiança mídia	0,039*	ns	ns	Ns
Audiência tv vs. eficácia política	ns	ns	ns	Ns
R <sup>2</sup>	0,023	0,041	0,072	0,032
N	1746	1670	1785	1787

Significância: \*p < 0,10, \*\*p < 0,05, \*\*\*<0,01. N= 2004.

Fonte: projeto “A Desconfiança dos Cidadãos das Instituições Democráticas” (2006).

Tabela 6 Regressão Logística: Democracia Melhor Forma de Governo Controlado por: sexo, idade, escolaridade, renda.

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)
Audiência tv	-.139	.057	6.059	1	.014	.870
Interesse por Política	.123	.056	4.812	1	.028	1.131
Constant	-.684	.940	.530	1	.467	.504

Nagelkerke R Square: 0,041. Porcentagem de acerto do modelo: 63,8%. N=1549.

Estão expostas apenas as variáveis das quais as categorias produziram coeficientes a 0,05 de significância.

Fonte: projeto “A Desconfiança dos Cidadãos das Instituições Democráticas” (2006).

59. Para essa variável dependente, no modelo com as variáveis moderadoras, a audiência de TV deixou de ser significativa, o que significa que uma das novas variáveis, de alguma forma estava impactando a audiência, deixando-a fora do modelo. Rodou-se novos modelos retirando as variáveis moderadoras uma a uma para ver qual produzia esse efeito. O modelo constante na tabela, portanto, é o sem a variável interesse por política. Ao se retirar essa variável, a audiência voltou a ser significativa a 0,05.

A *eficácia política*, por sua vez, possui papel mais paradoxal. Os que menos consideram a política como algo complicado – e que, portanto, ostentam maiores níveis de eficácia política – rejeitam a ideia de o presidente deixar de lado o Congresso e os partidos no caso de dificuldades. Ao mesmo tempo, mais concordam em dar um cheque em branco a um líder salvador e no fato de que só uma ditadura pode solucionar o problema do Brasil. Esse mesmo caráter ambíguo é mantido em relação à valorização dos partidos políticos, a depender da variável em questão.

Ainda que dois componentes da sofisticação política – educação e interesse por política – pareçam contribuir de forma positiva para o apoio político de forma mais clara, os resultados para eficácia política desafiam o argumento “coerente e de senso comum, de que a noção de aprendizado social apela para os instintos democráticos da pessoa e para o otimismo sobre o futuro de longo prazo e a estabilidade dos regimes democráticos”<sup>60</sup>. As associações ambíguas encontradas confirmam o que Neuman<sup>61</sup> chamou de “paradoxo da política imoderada”, em que a educação e a sofisticação política não levam necessariamente à moderação política.

A *adesão ao Governo Lula* apresenta resultados contraditórios. Apesar de quem mais apoia o Governo Lula mais rejeitar a noção de que só uma ditadura pode solucionar o problema do Brasil, mais concorda em desrespeitar leis ou deixar de lado o Congresso e partidos no caso de dificuldades, mesmo padrão apresentado por aqueles que mais *confiam na televisão*. Com relação à percepção do papel dos partidos políticos, essas duas variáveis associam-se de maneira positiva. O apoio ao governo da vez, portanto, pode aumentar o apoio ao sistema, na forma de satisfação com o funcionamento do regime<sup>62</sup>, e também favorecer a importância dada aos partidos políticos, mas esse papel parece ser mais ambíguo em relação aos princípios democráticos. A dimensão de apoio à comunidade política é favorecida pela maioria das variáveis independentes do modelo. Quanto maior a escolaridade, a adesão ao Governo Lula, a confiança na mídia e a eficácia política, maior o orgulho da nacionalidade.

A audiência de televisão interage com escolaridade em dois modelos. Com a variável dependente “concorda que só uma ditadura pode dar jeito no Brasil” e com a proximidade aos partidos políticos. Em ambas, reverte os

60. W. R. Neuman, *The Paradox...*, *op. cit.*, p. 162.

61. *Idem*.

62. Norris, 1999.

efeitos da audiência. Quem mais assiste à televisão, mais concorda com essa alternativa autoritária. No entanto, esse efeito é diversificado entre os mais instruídos. Quanto maior o grau de instrução e mais se assiste à televisão, mais se rejeita essa alternativa antidemocrática. A audiência televisiva também aproxima a audiência dos partidos políticos. Entretanto, os mais instruídos, aos assistirem mais à televisão, mais se distanciam deles.

Esse efeito é semelhante ao do interesse por política. A despeito de a audiência televisiva favorecer percepções contrárias aos princípios do regime, a interação com o interesse por política, em dois modelos, tem relação inversa. Aqueles que demonstram maior interesse, ao exporem-se mais à televisão, reforçam mais atitudes de valorização da democracia. Esses dois componentes da sofisticação política demonstram que cidadãos mais equipados com instrução formal e mais interessados em questões públicas têm maior capacidade de absorver criticamente o conteúdo televisivo. Já o outro componente da sofisticação política possui resultado diverso. Aqueles que menos acreditam que a política é complicada, ao assistirem mais à televisão, concordam mais com uma alternativa antidemocrática, com uma intensidade maior que essas duas variáveis analisadas separadamente (comparando-se os coeficientes). Significa que esses menos apáticos têm sua atitude antidemocrática potencializada ao se exporem à televisão.

Tanto o apoio ao Governo Lula quanto a audiência se associam à desvalorização dos princípios do regime democrático. Em dois modelos, quando aparece o efeito de interação, essa nova variável mantém essa mesma tendência negativa. Nos dois casos, entretanto, esse efeito não é potencializado como no caso da eficácia política. Comparando-se os coeficientes de regressão, o efeito de interação é menor do que o das duas variáveis de forma independente. A audiência da televisão, dessa maneira, “atenua” a desvalorização de alguns princípios do regime.

A confiança na televisão, por sua vez, deveria sempre potencializar o efeito da audiência, já que pessoas que desconfiam desse meio poderiam rejeitar as mensagens que, de alguma forma, estivessem influenciado os indivíduos. De fato, é o que acontece para a adesão democrática em um dos modelos testados. A confiança na televisão potencializa a atitude antidemocrática de quem mais assiste a esse meio. No entanto, ao contrário das expectativas, essa mesma confiança reverte a desvalorização dos partidos como essenciais à democracia, associação que a audiência televisiva favorece de forma isolada.

Esse dado reforça a perspectiva de que as associações negativas entre audiência televisiva e apoio político encontradas se devem mais ao número de

horas assistidas que a mensagens antidemocráticas por ventura nela existentes. Indivíduos mais expostos a mensagens contrárias aos princípios do regime, ao confiarem mais nesse tipo de meio, deveriam estar mais sujeitos a essa potencial influência, e não o contrário. Nesse caso, mais investigações nesse sentido se fazem necessárias para entender o porquê da confiança reverter a desvalorização do papel dos partidos entre aqueles que mais assistem à televisão.

É importante notar que as variáveis moderadoras escolhidas não são necessariamente relevantes para explicar o apoio político em si. Sua escolha deveu-se ao fato de serem elementos importantes que poderiam interagir com as variáveis de audiência. Esse dado pode ser evidenciado nos modelos analisados. Em quatro deles a variável moderadora não tem impacto sobre o apoio político de forma isolada. Apenas quando interage com a audiência televisiva é que ela se torna relevante. Quem mais confia na mídia, por exemplo, não rejeita mais – nem concorda mais – com a ideia de que só uma ditadura pode solucionar os problemas do Brasil. Entretanto, essa confiança reforça a concordância com essa alternativa antidemocrática por parte daqueles que mais assistem à televisão. Os mais instruídos, por sua vez, não são nem mais, nem menos, próximos aos partidos políticos. No entanto, maior instrução distancia mais aqueles que mais se expõem à televisão. Neuman<sup>63</sup> já havia alertado que a sofisticação política, por exemplo, não é necessariamente determinante para inclinar os indivíduos a determinadas opiniões, mas funciona como importante variável interveniente. Os dados apresentados neste texto sugerem que o mesmo pode ocorrer também para a confiança depositada na mídia.

A tabela 7, a seguir, apresenta os modelos com interações quando a variável independente principal é a audiência do Jornal Nacional. A escolaridade favorece a adesão democrática, nos modelos analisados, mas distancia os cidadãos dos partidos políticos. A eficácia política tem relação inversa, favorecendo a proximidade aos partidos políticos, mas, ao mesmo tempo, se associando a atitudes antidemocráticas. As outras variáveis moderadoras (interesse por política, adesão ao Governo Lula e confiança na mídia) apresentam a mesma relação, qual seja a de favorecer a proximidade com os partidos políticos. Diferentemente dos modelos com a variável audiência televisiva, entretanto, os modelos com a taxa de consumo do Jornal Nacional não apresentaram nenhum efeito de interação.

63. W. R. Neuman, *The Paradox...*, *op. cit.*.

Tabela 7 Taxa JN e Apoio Político (interações)

Coeficientes de regressão (beta) da taxa JN com variáveis moderadoras		
	Discorda daria cheque em branco a líder salvador que resolvesse os problemas	Proximidade aos partidos políticos
txjn	0,064***	0,049**
Sexo	ns	- 0,062***
Idade	ns	ns
Renda	0,065**	0,058**
Escolaridade	0,125***	- 0,077***
interesse política	ns	0,258***
adesão gov. Lula	ns	0,139***
confiança média	ns	0,086***
eficácia política	- 0,109***	0,075***
TXJN vs. Escolaridade	ns	ns
TXJN vs. interesse política	ns	ns
TXJN vs. adesão gov. Lula	ns	ns
TXJN vs. confiança média	ns	ns
TXJN vs. eficácia política	ns	ns
R <sup>2</sup>	0,036	0,133
N	1716	1782

Significância: \*p < 0,10, \*\*p < 0,05, \*\*\*<0,01. N= 2004.

Fonte: projeto "A Desconfiança dos Cidadãos das Instituições Democráticas" (2006).

## BREVES CONCLUSÕES

A mídia é um fator relevante a ser considerado quando se trata do entendimento dos cidadãos acerca dos assuntos do Estado. A informação contida nela pode auxiliar no engajamento dos cidadãos com a democracia ou torná-los mais avessos a princípios democráticos. Para entender o papel que a mídia representa para o apoio público à democracia, é preciso levar em conta uma dupla multidimensionalidade: do apoio político e da própria mídia.

Os dados aqui apresentados confirmam esse papel plural dos meios de comunicação, a depender tanto do meio quanto da dimensão de apoio político em questão. De um lado, o telejornal Jornal Nacional apresentou-se como elemento positivo para a *adesão democrática* e para a *valorização dos partidos políticos*, de maneira semelhante à *confiança institucional*, bem como à *satisfação com o desempenho do regime*<sup>64</sup>. No entanto, o número de variáveis em que a audiência do telenoticiário se mostrou relevante para as

64. N. C. Mesquita, *op. cit.*

dimensões testadas foi pequeno em comparação aos apresentados em relação à confiança institucional.

Os resultados sugerem que a mídia jornalística parece ser mais relevante para essas dimensões mais pragmáticas do que para as variáveis que representam aspectos de ordem mais normativa. Essa diferença faz sentido, já que telejornais apresentam informações diretamente ligadas ao funcionamento de governos e instituições. Quanto mais os cidadãos se expõem a esse tipo de informação, maior a capacidade de se formar uma atitude diante das instituições. Questões mais normativas, como as dos princípios do regime democrático, bem como a importância dada aos partidos políticos, são mais indiretamente ligadas aos conteúdos jornalísticos, o que explica os resultados mais modestos apresentados.

Em contrapartida, resultados mais robustos foram verificados em relação ao consumo de televisão no geral, em que se percebeu uma associação com um maior número de variáveis testadas. De maneira geral, esse tipo de audiência relaciona-se negativamente a variáveis que representam a adesão democrática e a valorização dos partidos políticos, conforme a hipótese do estudo. Não obstante esse papel negativo, os dados também apontaram que a televisão favorece uma maior adesão à comunidade política.

Esses resultados demonstram que é preciso cautela ao responsabilizar-se um viés antipolítico da mídia por atitudes negativas que os cidadãos têm relação à democracia. Ainda que se aceite como fato uma atitude mais crítica ligada à política por parte da mídia jornalística, existe controvérsias sobre isso representar, por extensão, também uma atitude anti-institucional. Neste trabalho, como na literatura especializada internacional focada em *surveys*<sup>65</sup>, o telejornal tem aparecido constantemente como fator positivo para a qualidade democrática.

Já com relação à audiência televisiva, os resultados confirmam, de alguma forma, preocupações levantadas quanto ao seu significado para percepções da democracia no Brasil. Ainda assim, esses resultados demandam cautela, já que parecem estar mais associados ao tempo gasto com a televisão do que aos conteúdos nela existentes. Para que se confirmem possíveis efeitos negativos de conteúdos, seriam necessários mais estudos com *surveys* que contassem com perguntas mais detalhadas sobre a programação assistida. Estudos de recepção também poderiam ser úteis nesse sentido. Além disso, ressalta-se

65. Norris, 2000; Newton, 1999.



que o papel da televisão em relação à adesão dos cidadãos à comunidade política é positivo.

Esse resultado positivo para o orgulho da nacionalidade poderia estar relacionado à grande penetração da televisão pelo território nacional, com a disseminação de valores comuns. Tomando como exemplo o gênero das telenovelas, todas as classes sociais assistem a esse tipo de programação, conversando sobre seus temas e tramas, o que demonstra o papel da televisão como laço social. Ao mostrar-se como espelho da sociedade brasileira, as novelas se apresentariam, ainda, como fator estruturador da identidade brasileira<sup>66</sup>. Assim, o papel da televisão pode ser visto como paradoxal. Ainda que, a exemplo dos dados internacionais, pareça estar ligado de alguma forma a atitudes mais negativas em relação à política, ao mesmo tempo parece desempenhar, no caso brasileiro, um papel ativo, possibilitando que as audiências construam entendimentos complexos sobre o passado, o presente e o futuro do país.

Os modelos com as variáveis de interação também demonstram a importância de se considerar outros fatores na mediação da mensagem. Cidadãos mais instruídos e mais interessados por política parecem relacionar-se de forma diferente com a audiência televisiva, já que essas características beneficiam, ao invés de desfavorecerem, a adesão aos princípios do regime. Uma explicação poderia ser diferenças cognitivas entre esses indivíduos no momento de processar mensagens semelhantes. Como a programação televisiva é plural, e não se pode saber de antemão se as pessoas estão expostas ao mesmo tipo de mensagem, seria possível afirmar, também, que essa diferença se deve a um padrão distinto de consumo dessa mídia. É plausível que aqueles com maior instrução formal e mais interessados em política se exponham a programações de conteúdos diversos, com maior ênfase em programas de informação, por exemplo, em comparação aos demais indivíduos, o que explicaria esse efeito de interação. De uma maneira ou de outra, reforça-se a importância de mais estudos sobre o impacto de diferentes conteúdos apresentados pela televisão.

Mais que constatar o papel plural da mídia para a qualidade democrática, os resultados reforçam a ideia de que não se deve encarar indivíduos como impotentes diante do poder da mídia. Diversos fatores, como a sofisticação política, a confiança que se tem no meio e também convicções políticas – como o apoio ao governo da vez – interagem com essa mensagem dos meios

66. D. Wolton, *Elogio do Grande Público*, 1996.

de comunicação. Mais do que o potencial de rejeitar determinadas mensagens, os resultados sugerem que indivíduos interagem com elas de maneiras distintas, a depender dos elementos característicos de cada um.

## ANEXO A

### VARIÁVEIS UTILIZADAS

#### Audiência de TV

“Quantas horas por dia você gasta assistindo TV (Até 1, 2, 3, 4, 5 horas, mais de 5 horas? Ou você não costuma assistir TV?)”

#### Audiência do *Jornal Nacional*

“Com que frequência você assiste o *Jornal Nacional* da TV Globo durante a semana? (1, 2, 3, 4, 5 vezes, todos os dias ou você nunca assiste o *Jornal Nacional*?)”

#### Adesão aos princípios democráticos

Gostaria que você dissesse se (discorda muito, discorda pouco, concorda pouco, concorda muito):

“quando há uma situação difícil no Brasil, não importa que o governo passe por cima das leis, do Congresso Nacional e das instituições para resolver os problemas do País”.

“prefiro a democracia do que um líder salvador que tenha todo o poder, sem ser controlado pelas leis”

“Se o País enfrenta dificuldades sérias, o presidente pode deixar de lado o Congresso os partidos e tomar as decisões sozinho”

“O País funcionaria melhor se os militares voltassem ao poder”

“Eu daria um cheque em branco a um líder salvador que resolvesse os problemas do País”

“Só uma ditadura pode dar jeito no Brasil”

“Qual das afirmações concorda mais: ‘A Democracia é sempre melhor do qualquer outra forma de governo’; ‘em certas circunstâncias é melhor uma

ditadura do que uma democracia'; 'tanto faz se o governo é uma democracia ou uma ditadura'." (Codificação: Democrata vs outros).

Adesão à comunidade política

"Você tem orgulho de ser brasileiro?" (muito orgulhoso, orgulhoso, pouco orgulhoso, nada orgulhoso)

Valorização do papel de representação dos partidos políticos

"Falando dos partidos políticos brasileiros, como você se sente em relação a eles?" (muito próximo, próximo, pouco próximo, não é próximo a nenhum"

"O Brasil seria bem melhor se existisse apenas um partido político"

"Falando de Democracia, você acha que a democracia te a ver com: a existência de diversos partidos políticos?" (tem muito a ver, tem a ver, tem pouco a ver, tem nada a ver)

Variáveis moderadoras:

*Eficácia política:* "Vou ler algumas frases sobre política e gostaria de saber se: As vezes a política e o governo parecem tão complicados que uma pessoa como você não pode realmente entender o que está acontecendo" (discorda muito, discorda pouco, concorda pouco, concorda muito).

*Interesse por política:* "E quanto ao seu interesse por política, você diria que é: muito interessado, interessado, pouco interessado ou nada interessado"

*Escolaridade:* Grau de instrução: Analfabeto/primário incompleto; primário completo; ginásio incompleto; ginásio completo; colégio incompleto; colégio completo; universitário incompleto; universitário completo ou mais.

*Confiança na TV:* "Vou citar alguns órgãos públicos e particulares e gostaria de saber qual o grau de confiança que você tem em cada um deles: na televisão" (muita confiança, alguma confiança, pouca confiança, nenhuma confiança)

*Adesão ao governo Lula:* "Na sua opinião o Presidente Lula está fazendo um governo muito bom, bom, ruim ou muito ruim?" (regular espontâneo)